

IMPrensa, HOMOSSEXUALIDADE E DITADURA CIVIL-MILITAR: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO “CARTAS NA MESA” DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*.

Marília Miranda Alves Carvalho

PPGHS – UERJ

marilia_mcarvalho@hotmail.com

Resumo: O Brasil viveu no período de 1964 a 1985 o regime da ditadura civil-militar, e com isso, muitos anos de intensa repressão, especialmente em relação aos homossexuais. Buscando vez e voz na sociedade, onze homossexuais se reuniram para criar o primeiro jornal homossexual de circulação nacional, o *Lampião da Esquina*. Por meio dele e da sua seção intitulada “Cartas na Mesa”, houve um diálogo com o leitor, que se expressava, sugeria temas de reportagens e fazia até mesmo críticas ao próprio jornal. A publicação do *Lampião da Esquina* foi um marco para os excluídos da História: os homossexuais.

Palavras chave: ditadura civil-militar; *Lampião da Esquina*; homossexual.

A presente pesquisa pretende analisar as questões relacionadas à seção intitulada “Cartas na Mesa” do primeiro jornal homossexual de circulação nacional no Brasil, o *Lampião da Esquina*. O objetivo do artigo é abordar o conteúdo das cartas como um meio pelo qual os homossexuais no período ditatorial no Brasil se expressaram. Críticas, sugestões e pedidos de ajuda são alguns dos temas contidos nas publicações do jornal.

O período da ditadura civil-militar no Brasil (1964 – 1985) foi marcado por muitas diversidades, em todos os sentidos. Na política, no comando do país, na população e também em sua diversidade sexual. O preconceito diante do homossexual sempre existiu, e ainda existe, apenas foi agravado no período ditatorial, principalmente após o decreto do AI-5, que restringia direitos e expandia preconceitos e julgamentos. A liberdade sexual que se desenvolvia em diversos países, especialmente nos Estados Unidos, era condenada no Brasil. O surgimento da imprensa alternativa foi um dos meios pelos quais o movimento homossexual, até então censurado, começou a circular,

ganhando vez e voz na sociedade. O regime ditatorial teve características peculiares de acordo com cada um dos governantes autoritários que se alternaram no poder, e isso não é diferente em relação ao tratamento dado aos homossexuais. De acordo com James Green e Renan Quinalha, " (...) o regime de exceção passou por cinco momentos distintos nos seus longos 21 anos de existência." (GREEN; QUINALHA, 2015, p.19). Esses cinco momentos se caracterizaram por seus comandantes e suas intenções em relação ao futuro do Brasil e da população.

A década de 1960 correspondeu a um período de intensa agitação social no Ocidente, com movimentos como a contracultura e a “revolução sexual”, que influenciaram modificações comportamentais, inclusive, entre os grupos homossexuais. Como símbolo dessa ruptura tem-se, por exemplo, a criação nos Estados Unidos de livrarias, jornais e revistas, como o *Vector* e o *Advocate*, cujo objetivo principal era divulgar a luta política e social desses grupos minoritários. Outra forma de expressão também ocorrida nos Estados Unidos, na cidade de Los Angeles, foi à realização do primeiro grande movimento gay.

No Brasil, no contexto da forte repressão política e da censura imposta pela ditadura civil-militar, surgiu, nas décadas de 1960 e 1970, a chamada “imprensa alternativa”. Sua outra nomenclatura, a de "imprensa nanica", foi principalmente com relação ao formato dos jornais, que eram pequenos e que possuíam como objetivo a denúncia de violação aos direitos humanos e a crítica às ações políticas e econômicas dos militares. Além disso, também havia uma imprensa que, entre outros assuntos polêmicos, abordava o tema que era feito para os homossexuais e lido por eles e, que representou um acontecimento marcante e relativamente recente no Brasil. Possuir periódicos em circulação que, mesmo diante de problemas como a repressão da ditadura civil-militar e o preconceito da população foi um grande desafio. A "imprensa alternativa" mostrou-se insubordinada à imprensa tradicional, seja pelo conteúdo, seja pelo público ao qual era destinado, e ainda possuía a irreverência em relação às regras tradicionais e ao mercado editorial. Produzida como meio de expressar a oposição ao sistema vigente e à indústria cultural, a “imprensa alternativa” caracterizou-se por ser mais regional, ou até mesmo local, ter sua produção de forma manual, e por ter, em geral, publicações cujas edições eram poucas. A homossexualidade era vinculada ao

delito de perversão pelo jornalismo brasileiro no período ditatorial. Mas essa repressão não calou, pelo contrário, incentivou esses grupos, classificados de minoritários, a ocupar cada vez mais as metrópoles. Surgiram, dessa forma, inúmeros periódicos que circularam no Rio de Janeiro como, por exemplo, as publicações *Gente Gay*, *Subúrbio à Noite*, *Eros*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, entre outros títulos. Todos, em comum, tiveram uma curta duração, entre eles, aquele que é considerado um dos primeiros jornais homossexuais do Brasil, chamado *O Snob*, editado por Agildo Guimarães.

O Snob circulou, no Rio de Janeiro, de julho de 1963 até junho de 1969 e foi a primeira publicação abertamente homossexual que circulou no Rio. O jornal se diferenciava dos demais por assumir a fala homossexual, por meio de expressões, códigos e modos de falar direcionados a esse grupo. Um dos principais motivos do jornal não ter uma maior divulgação foi à falta de patrocinadores e de apoio dos canais de distribuição. Uma vez que o periódico era direcionado para o público gay, foi considerado por muitos como “impróprio” e voltado para pessoas “pervertidas”. A sociedade do período, em sua maioria, não aceitava a questão da homossexualidade e um jornal direcionado para esse público era visto com maus olhos. Isso se devia também pelo fato de *O Snob* possuir uma linguagem própria, com ironia, palavras ou expressões com duplo sentido, um modo particular na utilização dos termos, usada principalmente pelo público ao qual era direcionado. A publicação do periódico foi de grande importância não só para o público ao qual era destinado, o gay, mas também para que outros periódicos similares fossem criados. Com o pioneirismo de *O Snob*, outras publicações foram lançadas e encerradas, no entanto, a mais expressiva destinada para esse público e a primeira que teve divulgação nacional: o jornal *Lampião da Esquina*.

O Lampião da Esquina atendeu às necessidades surgidas em fins da década de 1970 de enfatizar a questão sobre a homossexualidade, dando espaço para esse público, que, em sua maioria, era relegado à invisibilidade. Seu destaque deu-se também pelo fato de ser o primeiro periódico homossexual de circulação nacional. Se desenvolveu se em fins de 1977, quando alguns intelectuais, artistas e jornalistas do eixo Rio de Janeiro - São Paulo reuniram-se com o propósito de discutir uma literatura gay latino-americana, organizada por Winston Leyland, fundador da *Gay Sunshine Press*, de São

Francisco, Califórnia (EUA). Inspirados por esse jornal dedicado para o público homossexual, o pintor Darcy Penteado e seus amigos tiveram a ideia de desenvolver um Coletivo para a criação de um periódico mensal voltado para esse público. O conteúdo abordava diversos assuntos e foi elaborado sob o ponto de vista dos próprios homossexuais, que eram os seus editores. A iniciativa de criar o jornal partiu de onze homens, respeitados intelectualmente e que se aventuraram a lançar um jornal voltado para um público que era marginalizado pela sociedade. Além disso, o conteúdo do jornal era considerado "secundário", sem relevância devido a sua abordagem temática, com temas como a sexualidade, a discriminação racial, o machismo, entre outros. A linguagem era mais comum, popular e voltada para o público ao qual o jornal era dedicado, os homossexuais. Finalmente, em abril de 1978, era lançada a primeira edição do periódico, que teve a distribuição restrita, diferentemente das edições seguintes, que foram comercializadas abertamente nas bancas de jornal.

O *Lampião da Esquina* teve como fundadores e colaboradores Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Frye. Sua última edição foi a de junho do ano de 1981. O mensário foi considerado como revolucionário, pois, um periódico mensal produzido e direcionado para uma população que sofria preconceitos e discriminação representou um marco para a abertura de novos caminhos e possibilidades para os homossexuais. Com um tom irreverente e bem-humorado, o jornal publicou matérias, entrevistas com famosos, lançamentos de livros e filmes, além de uma seção de cartas. Essa seção era intitulada "Cartas na Mesa", na qual havia uma comunicação direta entre o público leitor do jornal e os seus editores. Essas cartas eram um meio pelo qual os leitores do *Lampião da Esquina* expressavam suas opiniões, davam sugestões e esclareciam dúvidas.

O jornal se caracterizou, sem dúvida, pela defesa da diversidade sexual e de gênero durante fins do período ditatorial. As cartas dos leitores funcionavam como um meio de comunicação e expressão de uma minoria que passou ter no impresso um espaço importante de "representação". Assim, a percepção do processo de construção dos homossexuais e da polêmica em relação ao gênero, através dos discursos

produzidos nas cartas é o foco de análise. A seção "*Cartas na mesa*" dos leitores, homossexuais ou não, dialoga com o jornal, e explicita a construção dos sujeitos e suas identidades, o perfil do leitor, seus desejos, dúvidas e críticas.

As "*Cartas na mesa*" foram de grande importância para a imprensa gay na ditadura, visto que, ela simbolizou a opinião e a reação do público em geral e, principalmente, dos homossexuais em relação ao jornal e às próprias cartas, uma vez que, na maioria delas os editores dialogaram com o público. A particularidade no caso do jornal homossexual *Lampião da Esquina* e a sua seção de "*Cartas na mesa*", é especialmente porque os leitores expressavam suas opiniões, esclareciam suas dúvidas e levantavam outras questões relacionadas ao universo gay. O jornal explica como funcionará a seção na edição número 0 argumentando que,

"A ideia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, fotos, etc. enviados pelos leitores que se enquadrarem na linha de ideias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação."

É possível notar, através dos argumentos de abertura da seção, que a proposta do jornal é algo bem aberto ao público e que poderá sofrer alterações de acordo com a demanda e o conteúdo das cartas recebidas. Sendo assim, mostra-se, num primeiro momento, a partir da edição de número 0, um periódico aberto a sugestões, críticas e debates nas próximas edições. O leitor do mensário se via em um local privilegiado para expor sua opinião, seus conflitos e indagações, uma vez que o público leitor e os editores do jornal se encontravam em um contexto muito parecido, o da homossexualidade. Há inúmeros casos expostos através das cartas e por esse motivo, os editores do jornal se mostram abertos a sugestões, críticas e comentários para melhor atender ao seu público leitor. Isso é percebido através da circulação do jornal *Lampião da Esquina* e da variedade de cartas cujos conteúdos são divulgados por esse periódico. Talvez, por esse motivo, a seção de cartas tenha tido tanta repercussão em um jornal de

cunho nacional, aberto à diversidade de gênero e, que atendia prioritariamente ao público homossexual, até então visto como minoria.

As intituladas "minorias" eram excluídas e menosprezadas por grande parte da sociedade, que caracterizava a homossexualidade como uma doença. As cartas enviadas pelos leitores para o periódico ilustram o fato. Foram selecionadas algumas cartas do jornal *Lampião da esquina*.

CARTA 1 - "ANÔNIMO SE REVELA"

Ano 1 – nº 1 – 25 de maio a 25 de junho de 1978, p. 15

(...) 2 - Participação feminina. Praticamente só homens (?) escrevem. Há muitas mulheres entendidas (nos dois sentidos) que podem dar uma perfeita colaboração. Há escritoras que são gueis, há mulher guei em todo o canto. Em minha cidade, por exemplo, há mais mulheres gueis do que homens gueis. (...)

Anônimo

R. -- Publicamos a carta de Anônimo porque ela contém observações muito pertinentes.(...) 2 -- As mulheres, também já neste número, estão perfeitamente integradas ao nosso projeto. (...)

A resposta do periódico a carta do "Anônimo" revela especialmente o que foi descrito no lançamento do jornal a respeito da seção de "Cartas na mesa", o leitor deve expressar sua vontade, inclusive com críticas ao próprio jornal. O emissor da carta sugere alguns caminhos para o jornal.

A observação/sugestão que o leitor "Anônimo" faz se refere a participação feminina, sejam elas homossexuais ou não. Mas a resposta dos editores se mostra a altura da observação, pois é respondido que existe a participação feminina na produção do *Lampião*.

A ressalva/crítica feita pelo "Anônimo" é, em parte, esclarecida. Sempre em tom bem-humorado e sarcástico, os editores respondem à carta e assumem que o número zero da edição ficou mais sério do que eles pretendiam. A forma como as cartas são respondidas demonstra que o jornal, e seus editores, estão abertos a sugestões, ou seja, o mesmo está sendo construído com a ajuda e a opinião de seus leitores. O tom bem-humorado e sarcástico também fica evidente. O jornal, desde as respostas das primeiras

cartas, se mostra versátil e atento ao conteúdo das cartas e as possíveis explicações, principalmente quando elas podem assumir um duplo sentido.

CARTA 2 - ALÔ MULHERES (2)

Ano 3 – nº 24 de maio de 1980, p. 14

Gente, aqui quem escreve não é só uma lésbica, não. Eu vou falar em nome de muitas mais que frequentam a vida guei aqui em Niterói, e que não estão satisfeitas com o jornal. Que machismo é esse? Um monte de coisas que só interessam às bichas, e nada para nós, lésbicas. Ai pinta a tal Yonne com propostas de reabilitar o jornal, tornando-o interessante para nós, também. Ficamos três meses esperando notícias/entrevistas sobre mulheres e a tal guria, e nada. Parece até jogada comercial. Criação de vocês. Coisas que ela escreve, que nós apoiamos, e não aparece a tal entrevista. Cadê ela? Se o jornal continuar só com matérias de interesse masculino (vide milhões de fotos de homens e só uma, na última folha, de uma garotinha - fofinha, por sinal—, nós mulheres vamos continuar boicotando o jornal de vocês..., que parece ser só para homens. Ou será que a tal guria perdeu a coragem de falar a vocês? Juro que vou fazer campanha contra o jornal muitas/a maioria das lésbicas andam descontentes com vocês). Pô, vê se vocês tornam jeito e deixam o paternalismo em prol dos homens de lado: só um pouquinho.

Luca — Niterói, Rio

R. - Como você vai ver nesta mesma página, Luca, Yonne está convocando as lésbicas através do Lampa, para um trabalho conjunto. E a gente já passou sua carta pra ela, aguarde contato. A guria fofinha que saiu na penúltima página do Lampa/23 é a própria Yonne, que aceitou ser nosso modelo. Por sinal que nós estávamos precisando de modelos homens e mulheres e chegamos a convocá-los através do Jornal; mas só apareceram homem infelizmente, "Lampião" não é um jornal dedicado aos homens; é apenas um Jornal ao qual as mulheres estão hesitando muito em aderir.

De acordo com James N. Green, em seu artigo intitulado “ ‘Mais amor e mais tesão’: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis”;

“mulheres que transgrediam as noções tradicionais de feminilidade, manifestando características masculinas, expressando a sua independência ou sentindo desejo sexual por outras mulheres, são marginalizadas.” (GREEN, 2000,p.279)

As duas cartas são de momentos diferentes do jornal, mas fazem observações semelhantes em relação a participação feminina no jornal, seja na produção ou nas cartas. Rachel Soihet, afirma que “a violência na sua forma simbólica manifesta-se, através de diversos canais, recorrendo-se a vários argumentos.” (SOIHET, 1997: 3) A autora expõe ainda, como deve ser o comportamento feminino, de acordo com os padrões socialmente impostos, ao relatar que

“O discurso sobre o comportamento ideal feminino, a ser lapidado pela educação, é difundido não apenas por conferências de estudiosos vetustos, teses médicas, mas das formas mais diversificadas, mas também, através da literatura , da imprensa de maneira jocosa, por meio de piadas, em crônicas, folhetins, etc...(SOIHET, 1997: 5)

A reflexão de Soihet nos faz pensar em como os padrões socialmente construídos são legitimados e impostos para as mulheres. No caso em questão, as mulheres homossexuais que também reivindicam seu espaço no jornal *Lampião da Esquina*, de homossexuais.

CARTA 3 "NÓS: 'HERÓIS' E 'ARAUTOS'"

Ano 1 - nº 2 – 25 de junho a 25 de julho de 1978 p, 14.

Dirijo-me a este jornal com o intuito de trazer-lhes um mínimo do enorme sucesso que está sendo a sua criação. Digo isto de coração, porque o interesse que tenho notado na multidão guei acerca deste arauto de uma legião proscrita é digno de ser transmitido, para que senão todos, pelo menos alguns, os mais inteligentes, compartilhem deste prazer imenso. É para mim uma alegria contagiante poder dizer para muitos, através das páginas deste jornal, que ele tem sido adquirido nas bancas e lido pelos privilegiados assinantes com a ânsia de quem encontrou o remédio que vai salvá-lo após ter sido desenganado pelo médico. A todos o meu aviso de leitor exigente: divulguem este herói porque ele é o único com estas características.

Antônio Cabral Filho Rio.

R. Ufa. Cabral, você nos deixou encabulados. Heroísmo mesmo foi jogar LAMPIÃO nas bancas apenas com a cara e a coragem. Mas cartas como a sua servem para nos mostrar que valeu a pena: estamos aí.

O leitor demonstra, através de poucas palavras escritas na carta destinada ao periódico *Lampião da Esquina*, a importância do mesmo para a sociedade, e especialmente para o público homossexual no período do fim da ditadura civil-militar. Antônio Cabral, autor da carta, em questão, demonstra, por meio de palavras, seus sentimentos em relação ao jornal e a força e expressão do mesmo, sobretudo em no período em que ele foi produzido. Por meio da carta, Antônio destaca não só a relevância do jornal, mas também como um meio de comunicação de força e ênfase destinado ao público homossexual, que na época, sofria grande preconceito e repressão. O autor da carta chega a classificar o periódico como "um remédio", quando o indivíduo é desenganado pelos médicos. Essa postura de recorrer a um médico e de ser desenganado pelo mesmo, caracteriza-se como uma dominação simbólica que, como explica Bourdieu, é " (...) que ela não está ligada aos signos sexuais visíveis, e sim à prática sexual." (BOURDIEU,1998, p.144). Nesse sentido,

“(...)viver envergonhadamente a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o define, equilibrando-se entre o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos demais homossexuais.”
(BOURDIEU, 1998 p.144)

Através da reflexão de Bourdieu, nota-se que a sexualidade do indivíduo transforma não só a sua vida, mas também a vida dos demais. O homossexual vive um personagem quando nega, especialmente para si mesmo, sua orientação sexual, como o próprio Bourdieu caracteriza, "vive envergonhadamente a experiência sexual", no entanto, quando a pessoa se assume, ela ganha autonomia, segurança diante de si mesma. O *Lampião da Esquina* se mostrou muito relevante em relação a experiência homossexual, uma vez que, procurou incluir os excluídos, a chamada minoria da sociedade, no convívio social. Por meio das cartas e consequentemente das respostas dadas aos leitores, o jornal assegurou muitos homossexuais para se assumirem como tal.

A resposta dos editores à carta é a comprovação do esforço e da luta que os mesmos enfrentaram para a divulgação e circulação do jornal. E isso se deve não só pelo fato de ser um periódico mensal, mas principalmente por ser o primeiro jornal de circulação nacional de cunho homossexual no período do fim da Ditadura Civil-Militar. Como o próprio editor indica na resposta, significou um ato de heroísmo, e as cartas demonstram que valeu a pena todo sacrifício e ousadia por parte dos editores. As cartas eram o recurso e meio de expressão encontrado pelos homossexuais para discutir e expressar suas opiniões, questionar e tirar suas dúvidas.

CARTA 4 - "APOIO AO JORNALISTA"

Ano 1 - nº 8 – 25 de janeiro a 25 de fevereiro de 1979 p. 15

Tenho vários motivos para escrever. O primeiro deles é que esse jornal existe e está me ajudando (e ensinando) a viver. Tenho de agradecer então. Sou igualmente repórter, igualmente homossexual; o segundo motivo se prende ao fato de que uma publicação dirigida e produzida por jornalistas de fato, abordando científica, franca e até humoristicamente os assuntos homossexuais, merece (e nos obriga) a dar o apoio. É o que faço nesse momento. Sei que posso estar me repetindo, mas confesso que esse jornal é necessário, é vital para mim, para vários de meus amigos, que ainda não o leem, mas que passarão a fazê-lo (já prometi comprar e distribuir três assinaturas do jornal e o farei o mais rápido possível). Por isso, o terceiro motivo da carta é um pedido: que continuem a editar o jornal, apesar dos obstáculos que eu imagino no sejam poucos nem pequenos. O quarto, o quinto, são tantos os motivos, se torciam a decifra- los. Eu ficaria na entrevista histórica com Leczy Brandão, se antes já amava o seu canto, a sua poesia, agora a idolatro. E concludo essa carta com os seus servos: "Eu sei. o jogo é duro. Mas o futuro é no presente que começa. Se a gente jogar direito, haverá jeito de poder vender à beça" (Vença, de Leczy Brandão).

Gerson V. — Rio.

R. — Gerson, meu anjo, o que é que você está fazendo, que ainda não nos procurou? LAMPIÃO precisa de colaboradores, "dear". Você tem razão: as dificuldades são enormes, principalmente os problemas de grana. Mas a gente não vai arredar pé. Vamos transformar a Esquina numa editora, vamos publicar livros

para o povo guei, aguarde em março. Histórias de Amor, (nosso primeiro livro). Quem desdenha de nós - audácia! — não perde por esperar. Lecy Brandão, além de talento..., é mulher de muita fibra. Nós a amamos.

O Gerson, jornalista e escritor da carta destinada ao jornal *Lampião da Esquina* afirma, em uma de suas primeiras frases, o quanto o jornal está sendo relevante e significativo para o mesmo, o ajudando a viver e a se conhecer enquanto homossexual. A força do periódico enquanto um meio de comunicação destinada ao público homossexual é expressiva e consegue, através de seu conteúdo, mobilizar e encorajar seu público leitor. Os editores do *Lampião* respondem a carta convidando o Gerson, jornalista, a ser mais um colaborador do jornal.

As palavras do Gerson expressam o quão forte o homossexual precisa ser em uma sociedade preconceituosa e isso é construído por meio de uma cultura de dominação masculina, onde o homem, e somente ele, é o provedor e comanda a família. A mulher, e principalmente os homossexuais, não possuem força e expressão na sociedade. No período do fim da ditadura civil-militar no Brasil, essa realidade era fortemente trabalhada no país. Bourdieu explica que, a construção de uma nova ordem sexual é um desafio, visto que

" A opressão como forma de 'invisibilização' traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida, sobretudo, pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a 'discrição' ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor." (BOURDIEU,1998 p.143 – 144)"

E escrita do Gerson é justamente para se contrapor a essa imposição de "discrição", e divulgar o periódico. Reforçar e reafirmar a todo momento que a comunidade homossexual existe e possui força, por isso mesmo foi desenvolvido um jornal, tendo como público alvo os homossexuais. A possibilidade de repressão das chamadas "minorias", por meio do *Lampião* foi algo marcante para toda a população, alguns repudiavam, mas outros, mesmo que não fossem homossexuais, tinham a curiosidade pela leitura do jornal. Essa visibilidade e curiosidade dos indivíduos, não só

o público homossexual, mas as demais pessoas, foi a principal forma de divulgação do jornal. A partir dessa primeira leitura, o público descobriu algo novo, uma visão diferenciada de um público até então excluído da sociedade. As reportagens, o anúncio de shows e peças de teatro, discussões políticas, tudo isso fazia do *Lampião* algo inovador. Além, é claro, das cartas, que eram o meio de comunicação do leitor para com os editores do jornal.

NOTÍCIAS DO FAROESTE

CARTA 5 – nº 04 – de 25 de agosto a 25 de setembro de 1978 – p. 19

O jornal aqui no Sul está tendo problemas, há gueis que não o aceitem. Alguns dizem que esse tipo de formação de grupos minoritários é forçar a barra e que se deve deixar as coisas acontecerem naturalmente. Eu não entendo essa de deixar as coisas acontecerem naturalmente. Se nós, que somos minoria em desvantagem, não fizermos nada, os acontecimentos não virão ao acaso. [...] Em São Leopoldo, sob o ponto de vista guei, não há ambiente para nós. Primeiro por ser muito próximo de Porto Alegre, e o pessoal, para não se molestar, prefere deslocar-se para lá. Sendo, os próprios homossexuais aceitam a ideia de que não há ambiente e condições. [...] Se eu me transpor para Caxias do Sul a coisa piora. Lá onde nasci e me criei ser homossexual é fazer parte do último degrau da condição humana, e para dizer a verdade Caxias, tão famosa no cenário nacional, aceita mais um criminoso ou assassino do que o homossexual. Nos locais ou cidades do interior onde há uns ou alguns entendidos ou gueis, que ambientes frequentar? O que fazer quando se entra num ambiente hetero e é linchado? Isto é comum acontecer em Caixas apesar de uma grande população e de uma quantidade grande de gueis. Como podemos conseguir algo se não somos unidos não nos ajudamos? Em meio a tantos preconceitos é natural que passe a dominar uma atmosfera doentia onde os próprios homossexuais passem a aceitar-se assim, então surgem as transas com héteros, onde também entra a coisa do dinheiro. É comum acontecer por aqui, quando há transa com hétero, apontaram arma de fogo caso não se ofereça dinheiro. É preciso deixar claro que quem faz este tipo de papel não são marginais, mas sim pessoas da própria sociedade hétero. O problema maior é quando em meio a isso tudo a própria polícia tira proveito da situação em favor da maioria

considerada normal. Se milhares de acontecimentos, ocorrem em dois pequenos lugares, o que não acontece nos subúrbios das grandes cidades, no longínquo sertão ou quem sabe no interior da Amazônia, ou Mato Grosso, etc.?

J.C.L. – São Leopoldo - RS

R: É, J. C., a gente sabe o quanto a barra pesa por esses sertões; pesa tanto que Guimarães Rosa foi obrigado a transformar o pobre Diadorim em mulher, pra que o pobrezinho não fosse linchado. Mas olha, deve ter muita gente, pelos interiores, pensando como você. E isso já é o começo de tudo, não é? Esse pessoal de Caxias, que horror! Diga a eles que nosso Conselho Editorial, de onze pessoas, três são gaúchos de cabelos nas ventas.

Guacira Lopes Louro afirma em relação ao gênero que,

“A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de *papéis* masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...”(LOURO, 2013 p. 23-24)

Nas décadas de 1970/1980, o preconceito e a repressão contra os homossexuais eram muito intensos, fato agravado ainda mais com o período ditatorial. Conforme afirma Louro, havia a “construção de papéis masculinos e femininos” e, quem não se “adequasse” a esses padrões sociais era discriminado, poderia sofrer com agressões verbais e até mesmo físicas. Os relatos do J. C. L. por meio da carta são de extremo preconceito e discriminação, a declaração de que ser homossexual em Caxias de Sul “(...) é fazer parte do último degrau da condição humana (...)” é a total radicalização e do preconceito diante do homossexual. Ser gay então, significa ser excluído da sociedade, de acordo com o relato do autor da carta.

CARTA 6 – Ano 3 – nº 20 – 25 de janeiro de 1980, p. 18

Deus no coração

Caros amigos do Lampião, tenho lido com muito carinho o trabalho de vocês, a luta de vocês, que também é nossa, a favor das classes “menos favorecidas”. (...) Gostaria de relatar para vocês e se possível para os leitores deste jornal, um ato de injustiça, opressão e crueldade cometida contra alguns homem-homossexuais por parte da Igreja. No dia 14 de maio passado, o bispo de Ilhéus - BA, expulsou grosseiramente de sua Diocese os seus nove seminaristas que integravam a comunidade do Seminário d'aquela Diocese. A Igreja de Ilhéus, deu um passo atrás na história e, muito na famosa Idade Média, cortou do relacionamento e comunhão com a Igreja os seus nove melhores seminaristas. Não que fossem jovens "frescos e maricas". Eram jovens dinâmicos, eficientes, capazes, "esperança azul" (expressão usada por alguém), da diocese de Ilhéus. O bispo daquela Igreja conseguiu num curto espaço de tempo destruir os sonhos, as esperanças, as realizações de nove jovens estudantes de teologia, simplesmente porque estes rapazes, homossexuais, conseguiram descobrir a sua verdadeira sexualidade e buscaram se afirmar nela. Justamente no momento em que a Igreja procura ir ao encontro das classes marginalizadas, acontece este fato, dando uma prova concreta de que a hipocrisia ainda é a melhor maneira para esconder os próprios defeitos. (...) Mas que diabo, Deus não é uma Instituição. Deus é o coração do homem". (...) Vamos esperar que a Igreja no seu bom propósito de se tornar a Igreja de Jesus Cristo, a Igreja dos homens marginalizados, venha em ajuda de milhares de homens que se sentem à margem, porque são homossexuais. Tenho certeza de que nós somos amados também por Deus e que na somos criaturas do seu lindo plano de amor.

J. L., —Salvador.

R. – É isso aí, J. L., não foi certamente, com a Instituição - tantas vezes repressora - que Cristo sonhou, pois Deus é o coração do homens. Já há setores muito importantes da Igreja que já assumiram uma posição libertária em relação ao homossexualismo; estes setores, se não incentivados, pelo menos não tem seu passos tolhidos... Já é um progresso. De qualquer forma, o que predomina ainda é a condenação, quase sempre manifestada através de ameaças muito concretas, como as que foram feitas, recentemente, aos homossexuais do Rio, responsabilizados - veja que sandice - pela violência que ora se abate sobre a

cidade. Como se, em qualquer situação de violência, não fossem os homossexuais sempre, as primeiras vítimas...

Joan W. Scott afirma que,

“As instituições sociais nas quais o sexo homossexual é praticado pode inverter aquelas associadas com o comportamento heterossexual dominante (promíscuo *versus* contínuo, público *versus* particular, anônimo *versus* conhecido, e assim por diante), mas ambas operam dentro de um sistema estruturado de acordo com a presença e a falta.” (SCOTT, 1998:304)

A situação narrada na carta e as palavras de Scott se assemelham, uma vez que, na maioria das sociedades, o homossexual é discriminado e ignorado, especialmente nas instituições religiosas. E é o que é relatado na carta, nove homossexuais sendo expulsos da sua instituição religiosa, eles foram impedidos de se formar como seminaristas por causa da homossexualidade.

O conteúdo das cartas acima citadas se mostra similares em alguns aspectos, principalmente em relação à liberdade do leitor ao escrever o conteúdo das mesmas. Críticas, sugestões, observações são, o que mais prevalece nos assuntos, mas também há reclamações em relação ao tratamento dado aos homossexuais na sociedade brasileira. A importância da liberdade que os homossexuais adquiriram através da publicação do *Lampião da Esquina* e de suas cartas foi algo notório até então. Uma vez que, no período do fim da ditadura civil-militar no Brasil, as minorias passaram a se destacar e se fortalecer, ganhando vez e voz por meio de um jornal. O conteúdo das cartas expressa claramente esse fato, já que, nos exemplos acima, a intenção do leitor é de agradecimento, com sugestões e esclarecimentos, expressão da realidade vivida pelos gays, sejam eles homens ou mulheres. Isso se deve ao fato de um jornal homossexual ganhar força, através do seu conteúdo e do período de abertura política, para ser distribuído nacionalmente.

Observa-se, através da análise de algumas cartas escritas pelos leitores do periódico *Lampião da Esquina*, que a população e, especialmente os homossexuais, se mostra muito contente e satisfeita com o mesmo, no entanto, há observações, principalmente em relação ao público feminino homossexual. Mesmo assim, o conteúdo, o modo como está circulando e sendo divulgado; tudo isso agrada ao público.

Também, nas cartas, existe o conteúdo sugestivo, com observações e dicas para um jornal cada vez mais atento e circulante entre o seu público.

E, por meio da leitura e análise das cartas aqui exploradas, vale destacar o início da publicação do periódico mensal, cujo foco é dar voz ao público homossexual, dessa forma, fica evidente a importância desse veículo de comunicação para a vida desse grupo marginalizado pela sociedade nesse período. Também é notório que, ao decorrer das edições, os leitores se vêem no direito de reivindicar, reclamar e protestar pelos seus direitos, não só no próprio jornal, mas também na sociedade como um todo. O *Lampião da Esquina* divulgou os anseios dos homossexuais e, através da publicação das cartas, essa comunicação foi possível, uma vez que os leitores se expressavam através desse mecanismo com o jornal. Esse meio de comunicação representou um marco na vida do público leitor, pois através das cartas, dúvidas, sugestões e problemas foram esclarecidos, ou pelo menos expostos para os demais leitores do periódico, criando assim uma espécie de “família” com a qual podia-se contar em seus momentos difíceis.

Documentação:

Lampião da Esquina - Ano 1 – nº 1 – 25 de maio a 25 de junho de 1978.

Lampião da Esquina - Ano 1 – nº 2 – 25 de junho a 25 de julho de 1978.

Lampião da Esquina – Ano 1 - nº 4 – 25 de agosto a 25 de setembro de 1978.

Lampião da Esquina - Ano 1 – nº 8 – 25 de janeiro a 25 de fevereiro de 1979.

Lampião da Esquina - Ano 3 – nº 20 – 25 de janeiro de 1980.

Lampião da Esquina - Ano 3 – nº 24 - de maio de 1980.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GREEN, James. N. “*Mais amor e mais tesão*”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis”. In: *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp. 271-295.

GREEN, James. N.; QUINALHA, Renan (Orgs.) *Ditadura e homossexualidades – repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EDUFSCar, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SOIHET, Rachel. *Violência Simbólica - Saberes Masculinos e Representações Femininas*. In: Revista de Estudos Feministas, v. 5, n. 1, 1997.

SCOTT, Joan. W. A invisibilidade da experiência. In: Projeto História, São Paulo, (16), fev. 1998. (297-325)

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Record, 2007.